



As cartas de Londres: a participação de George Orwell nas páginas da revista nova-iorquina *Partisan Review* durante a Segunda Guerra Mundial (1941-1946)¹

The London Letters: the participation of George Orwell in the pages of New York magazine *Partisan Review* during the Second World War (1941-1946)

SILVA, Matheus Cardoso da^{2*}

A história do espírito humano expressa as consecutivas tensões e reconciliações dos grupos.

MANNHEIM, Karl. "O problema da "intelligentsia". Sociologia da cultura (2001).

Resumo: O objetivo deste artigo é avaliar a participação do escritor anglo-indiano George Orwell, famoso por duas das maiores distopias do século XX, o *Animal Farm* e o *1984*, na renomada revista estadunidense *Partisan Review*. Na revista, Orwell foi responsável pela seção intitulada, *London Letters to Partisan Review*, a qual tinha por objetivo retratar ao público estadunidense a situação política e social da Grã-Bretanha durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Contudo, a seção abriu espaço também para um frutífero processo de circulação de ideias e a formação de uma intrincada rede de intelectuais em torno dos temas debatidos pela revista – e, por consequência, incorporados aos textos de Orwell – entre os grupos de intelectuais da esquerda anti-stalinista de Nova York e Londres.

Palavras-chave: George Orwell; *Partisan Review*; Segunda Guerra Mundial.

Abstract: The purpose of this article is to evaluate the participation of the Anglo-Indian writer George Orwell, famous for two of the largest dystopias of the twentieth century, *Animal Farm* and *1984* at the renowned U.S. magazine *Partisan Review*. In the magazine, Orwell was responsible for the session entitled, *London Letters to Partisan Review*, which was intended to portray to the American public the political and social situation in Britain during the years of World War II. However, the newspaper section also has opened the way to a fruitful process of circulation of ideas and the formation of an intricate network of intellectuals around the themes discussed by the magazine and consequently incorporated on Orwell's texts, among groups of intellectuals from the anti-Stalinist left both in New York city and London.

Keywords: George Orwell, *Partisan Review*, World War II.

¹ Reflexão preliminar elaborada a partir da pesquisa para a tese de doutorado intitulada, "As cartas de Londres: redes intelectuais e seus projetos alternativos para a modernidade em Londres e Nova York (1941-1946)", que está sendo desenvolvida desde 2011 no programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História, Universidade de São Paulo.

² Historiador. Doutorando no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Bolsista da CAPES. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de História. Avenida Professor Lineu Prestes Butantã 05508900 - São Paulo, SP - Brasil. E-mail: stardus_mat@yahoo.com.br.

Recebido em: 08 de abril de 2014

Aprovado em: 05 de agosto de 2014.

Introdução

Entre 1941 e 1946, o escritor anglo-indiano George Orwell, renomado por duas das maiores distopias do século XX, o *Animal Farm* e o *1984*, publicou nas páginas da revista nova-iorquina *Partisan Review* a coluna *London Letters to Partisan Review*. Essa seção era uma espécie de continuação da coluna publicada sob o mesmo nome ao longo dos anos de 1939 e 1940, pelo também britânico Desmond Hawkins. Os artigos de Orwell para a *Partisan* tinham como objeto central apresentar um panorama do ambiente britânico durante a Segunda Guerra Mundial ao público estadunidense, discutindo uma série de temas políticos, culturais e sociais, como o socialismo na Inglaterra, o pacifismo, o anti-semitismo, a vida em meio ao racionamento, o toque de recolher, os bombardeios à Londres etc.

Além da coluna que Orwell assinava na revista nova-iorquina, seus contatos pessoais com membros proeminentes da revista, favoreciam a troca de informações sobre os dois ambientes intelectuais e a estruturação de uma estreita relação de troca cultural e intercâmbio de ideias entre os dois universos, representados pelas cidades de Londres e Nova York. Orwell manteve, por exemplo, uma constante correspondência com Philip Rahv – um dos fundadores da *Partisan Review* e editor sênior da revista – ao longo da década de 1940, grande parte dela reproduzida nas coleções póstumas que reúnem as obras completas de Orwell³. Da mesma forma, Orwell manteve estreito contato com Dwight Macdonald, outro membro proeminente da *Partisan*, e grande articulador intelectual da revista na primeira metade da década de 1940⁴. Para se ter ideia, David Costello (2005) estima que a correspondência entre Macdonald e Orwell atingiu um total de 35 cartas, trocadas entre março de 1941 e outubro de 1949.

O primeiro contato dos editores da *Partisan Review* com Orwell se deu em 9 de dezembro de 1940, no entanto, com outro dos editores da revista, quando Clement Greenberg, escreve a Orwell solicitando o seguinte:

Os editores da *Partisan Review* gostariam muito de tê-lo à frente das cartas inglesas. Para eles existem coisas que as notícias não nos dizem. Por exemplo, o que está acontecendo sob a superfície

³ Aqui faremos referência a duas destas coleções que reúnem a totalidade da produção de Orwell, entre literatura, ensaísmo e jornalismo. A primeira delas (também a primeira reunião póstuma das obras de Orwell) foi organizada por Ian Angus e Sonia Orwell. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. London: Secker and Warburg, 1968. 4 volumes. A segunda (e definitiva, pois reúne as obras completas do autor) coleção das obras de Orwell que faremos referência aqui foi organizada por Peter Davison, *The Complete Works of George Orwell*. London: Sacker and Warburg, vol.1-9,1986; vol.10-20, 1998.

⁴ Macdonald fora responsável por uma série de contatos e o estabelecimento de uma rede importante de colaboradores para a revista, principalmente a partir de 1937, quando sua linha editorial se definia efetivamente por uma oposição ao stalinismo e a política das Frentes Populares e ao PC nos EUA.



da política? Entre os grupos de trabalhadores? Qual é o sentimento geral, se é que existe tal coisa, entre escritores, artistas e intelectuais? Quais alterações suas vidas e suas preocupações sofreram? Você pode ser um fofoqueiro como quiser, e referir-se ao maior número de personalidades que você desejar. Quanto mais, melhor. Você pode usar seu próprio julgamento quanto ao comprimento (GREENBERG apud DAVISON, 1998, v.12, p. 351).

O pagamento para as contribuições de Orwell à *Partisan* seria de US\$2 por página impressa – cerca de US\$11 por cada *London Letter* – em valores da época. Segundo Peter Davison, organizador das *Obras Completas* de Orwell, o primeiro convite havia sido feito por Desmond Hawkins, por volta de novembro de 1940, quando ambos participaram de um debate, mediado por C.V. Salmon, intitulado *The Writer in the witness box*.

Salmon escrevera para Orwell, em 31 de outubro de 1940, para que ele comentasse o tema “*Proletarian Literature*” e, em seguida para Hawkins, para que ele comentasse o mesmo tema. A “conversa” fora transmitida pelo *Home Service* da BBC, em 6 de dezembro de 1940, e posteriormente publicado no *The Listener* (uma série de coleções que reuniam em texto as transmissões radiofônicas da BBC), em 19 de dezembro do mesmo ano. Pelo debate, Orwell recebeu, segundo acordado em contrato, o valor de £10,50 (DAVISON, 1998, v. 12, p.82-84).

De volta à história da *London Letter*, Hawkins havia se encarregado da seção até que a guerra diminuía seus contatos (como afirmara autobiograficamente em *When I Was*, de 1989). Ele sugeriu, portanto, que Orwell poderia substituí-lo na empreitada. Orwell se encarregou das *London Letters*, publicando-as entre 03 de janeiro de 1941 (quando envia a primeira carta à NY) até o verão de 1946, somando um total de 15 cartas. Além das cartas, Orwell continuou escrevendo esporadicamente para a *Partisan Review* até poucos meses antes de sua morte, em janeiro de 1950. Seu ensaio *Such, Such Where the Joys*, por exemplo, também publicado postumamente, em 1951, seria publicado na *Partisan*, com uma revisão, no volume de setembro-outubro de 1952 da revista (DAVISON, 1998, v.12, p. 351).

Com a adesão dos EUA à guerra em 1941, mesmo ano em que Orwell inicia o envio de suas “cartas”, a *Partisan Review* se viu frente a um conjunto novo de desafios, tanto teórico-epistêmicos no campo da esquerda intelectual, quanto estéticos⁵. As questões centrais na década de 1940 para uma das publicações mais influentes da esquerda intelectual dos EUA eram as seguintes: como manter uma crítica humanista da sociedade burguesa baseada

5 Um guia fundamental para este estudo dos efeitos da Segunda Guerra Mundial para a *Partisan Review*, e sobre o qual, em grande medida, apoio minha interpretação do problema, será o clássico trabalho de Terry Cooney, *The Rise of the New York intellectuals. Partisan Review and its circle, 1934-1945*. Wiconsin: The University of Wiconsin Press, 1986.

nos ideais socialistas, contrapondo-se simultaneamente aos valores fascistas e chauvinistas-nacionalistas que tomaram, por exemplo, conta do discurso pró-guerra nos EUA? Ao mesmo tempo, como se dissociar daquilo que parecia ser o grande labirinto para a esquerda depois da assinatura do Pacto Nazi-soviético em 1939 – ou seja, o marxismo-leninismo, então reivindicado pelo stalinismo como seu legítimo guardião? Problemas que Orwell incorporou em muitas medidas em suas “cartas de Londres” e que teriam reflexo, ao mesmo tempo, em seu imaginário político ao longo da década de 1940, como por exemplo em seus trabalhos mais conhecidos do grande público, ou o *Animal Farm*, publicado pela primeira vez em 1946 e o *1984*, publicado pela primeira vez em 1949.

A *Partisan Review* e a Segunda Guerra Mundial

Nos anos de 1930 ocorreu uma espécie de “migração ideológica” dos intelectuais de Nova York rumo à Rússia soviética – o berço do comunismo, da libertação do proletariado do capitalismo, da esperança humanista de redenção da sociedade do jugo inescrupuloso do capital. Ao final da década, contudo, esse fluxo emotivo regressava a casa, “desmoralizado” com a assinatura do Pacto de não agressão Nazi-soviético, em 1939. Sentimento que Delmore Schwartz, outro importante contribuidor da *Partisan Review* na década de 1940, caracterizou em carta a Dwight Macdonald de setembro de 1940, ao traduzi-lo para o campo literário da esquerda intelectual nova-iorquina, como uma “sensibilidade pós-Munique” (COONEY, 1986, p.167).

O fator ideológico que havia canalizado os esforços de reconstrução identitária da própria *Partisan* em meio aos círculos da esquerda nos EUA na década de 1930 – ou os caminhos de seu anti-stalinismo, sem perder a crença irrestrita no marxismo-leninismo (BUHLE, 1980) – já não podia se sustentar mais com o avanço do conflito europeu e o desencadear da guerra. O fato é que a luta contra o fascismo, agora abertamente posta literalmente no campo de batalha, mesmo tendo as feridas das rugas fratricidas dentro da esquerda estadunidense abertas e em carne viva, não podia mais ser ignorada. O avanço da *blitzkrieg* sob a Europa, a fúria da *Wehrmacht* e da *Luftwaffe*, transformara o fascismo, de uma ideologia perigosa, em um monstro faminto e à solta, devorando tudo o que via a sua frente, deixando para trás um rastro de destruição e escravos subjugados pela fúria bélica de uma máquina de guerra inimaginável até então. Para a esquerda internacional, no entanto, mesmo com a invasão da Polônia, da Áustria, da Tchecoslováquia – tudo isso logo no primeiro ano de guerra – o constrangimento pela assinatura do pacto de não agressão entre Hitler e Stálin parecia ser ainda maior para os comunistas, inclusive nos EUA, do que a invasão e subjugação de nações inteiras pelas



tropas nazi. Dessa culpa, no entanto, a *Partisan Review* e seu círculo de intelectuais estavam livres, podendo rapidamente assumir a guerra contra o fascismo como seu principal alvo logo no início da década de 1940.

A *Partisan Review* foi fundada em 1934 como publicação oficial da seção nova-iorquina do *John Reed Club*, o principal organismo agitador da cultura do Partido Comunista (PC) nos EUA entre o final da década de 1920 e a metade da década de 1930. A revista teve uma periodicidade bi-mensal, ao custo de US\$0,50 por volume, em valores da época. A *Partisan Review* foi também uma das publicações mais longas da história dos EUA, durando até 2003, quando sua publicação foi definitivamente encerrada (GILBERT, 1967; BLOOM, 1986; WALD, 1987; COONEY, 1986; PONTES, 2003).

A comunhão entre a recém-fundada revista e o PC seguiria bem até a metade da década de 1930. A revista, por sinal, adquiriu rapidamente grande preponderância entre o movimento comunista, tornando-se um guarda-chuva importante para os jovens e as jovens intelectuais recém cooptadas pelo PC nos disputados círculos da vanguarda nova-iorquina. Essa posição tornou a *Partisan Review* uma espécie de cronista do nascimento do *Popular Front* nos EUA. Essa afirmação é de Michael Denning, que relembra a narração de Tillie Lerner no artigo *The Strike*, para a *Partisan Review* 1, de Setembro-Outubro de 1934, sobre a Terça-Feira Sangrenta, na primavera de 5 de Julho de 1934, quando aconteceu um massacre de manifestantes pela polícia de São Francisco que encerrou uma greve geral nas docas da cidade. Aquele evento é considerado o marco inicial do *Popular Front*, nos EUA (DENNING, 1997, p.13). Por muitas vezes ainda, as páginas da *Partisan* serviriam como plataforma para a divulgação desses retratos intelectuais (e suas repercussões) sobre as grandes greves e movimentações sindicais (e as reações, quase sempre violentas da polícia, dos industriais e fazendeiros) que se espalhavam pelo país e animavam o *Popular Front* num movimento nacional sem precedentes até então nos EUA.

Passada a metade da década de 1930, contudo, os novos rumos do movimento comunista internacional renunciaram importantes mudanças para o *Popular Front* nos EUA e todo o movimento cultural que o acompanhou. E a história da *Partisan Review* é novamente emblemática em meio aos debates da esquerda estadunidense daquele período. A partir de 1936-7 iniciou-se um progressivo distanciamento dos editores da revista com PC nos EUA. Ambos, Phillips e Rahv, assim como parte considerável da esquerda ao redor do mundo, discordavam da definição das Frentes Populares como estratégia para o combate ao fascismo deliberada no VII Congresso da Internacional Comunista, de 1935. Internamente, havia ainda a discordância de seus editores com as crescentes tentativas de controle da linha editorial da *Partisan* pelo Partido



Comunista, que ainda representava seu principal mantenedor, aumentando o desgaste. A explosão causada pela repercussão dos Julgamentos de Moscou (1935) e as acusações do regime soviético contra Leon Trotsky, cindiriam ainda mais as relações políticas de seus editores com os círculos comunistas, levando a ruptura definitiva, em finais do ano de 1937, quando a revista foi momentaneamente fechada⁶.

Em março de 1938, a *Partisan Review* foi re-fundada, como faz questão de afirmar William Phillips, sob uma nova linha editorial, agora, livre da ingerência comunista (PHILLIPS, 1983, p. 37). Fator que, por um lado, lhe deu maior liberdade reflexiva com a incorporação de novos colaboradores e editores. Foi nesse novo momento, que a *Partisan* se tornou o grande centro aglutinador da esquerda anti-stalinista nos EUA, congregando, ao longo do final da década de 1930 e por toda a década de 1940, nomes que ajudariam na formatação de sua nova linha editorial: Dwight Macdonald, Mary McCarthy – os que são imediatamente incorporados – e mais a frente, Hannah Arendt, Irving Howe, Lionel Trilling, James Burnham, Susan Sontag etc. Por outro lado, contudo, o afastamento dos comunistas traria para a revista enormes dificuldades financeiras e grandes conflitos com os agora “opositores”.

Passados os problemas identitários da revista, após sua separação do núcleo comunista da esquerda novaiorquina, voltamos a conjuntura do final da década de 1930. A guerra mundial como problema central foi assumida abertamente pelos editores da revista na *Partisan Review* 6, Primavera de 1939, em seu editorial intitulado: *War Is the issue!*. O objetivo claro de tomar a guerra como o principal tema a ser debatido pela *Partisan*, logo após a declaração do conflito na Europa, surgiu a partir dos debates promovidos pela *League for Cultural Freedom and Socialism*, criada entre a esquerda anti-stalinista pouco antes da assinatura do pacto Nazi-soviético em 1939. A segunda e última

⁶ A presença de Trotsky no México já quando as acusações contra ele foram feitas por Stálin, causou grande comoção entre a esquerda nos EUA, inclusive para aqueles em torno da *Partisan Review*. Alan Wald lembra da formação do *Committee for the Defense of Leon Trotsky*. Ao lado dessa comissão, os esforços de uma outra, encabeçada por John Dewey – a *Dewey Commission of Inquiry into the Charges Against Leon Trotsky in the Moscow Trials* – que esteve por 8 dias na cidade de Coyoacan, no México, entrevistando Trotsky sobre as acusações de Stálin, forneceu material suficiente para o apoio dos intelectuais estadunidenses a ele (WALD, 1987, p. 131). Em 2 de Abril de 1937, numa quinta-feira, um grupo liderado por Dewey desembarcou na Cidade do México, financiado pelo *Trotsky Defense Committee*, onde foram recebidos por Diego Rivera e Frida Kahlo em sua casa, afim de organizar as entrevistas com Trotsky (Idem, p.132). Os testemunhos de Trotsky à comissão e seus resultados foram publicados como *The Case of Leon Trotsky (1937)* e *Not Guilty (1938)*. Na reabertura da *Partisan*, em 1938, já assumido seu novo editorial anti-stalinista, houve uma tentativa frustrada de aproximação com Trotsky, que fora convidado para colaborar com artigos. Suas intenções de exercer um controle centralizador sobre o editorial da *Partisan*, porém, fizeram Phillips e Rahv, desistir da ideia.



declaração da Liga foi exatamente: “A guerra se tornou o assunto!” (“War has become *the issue!*”)⁷ (COONEY, 1986, p.167).

Uma nova guerra mundial já se prenunciava para a *Partisan* e seus editores, no entanto, assim como aconteceu com outros intelectuais europeus, mesmo antes de 1939, quando o fascismo já mostrava sua face perigosa e belicista, por exemplo, na Espanha, durante a Guerra Civil (1936-9), três anos antes. Fora na Guerra Civil espanhola, aliás, que se desenhou a antecâmara para a confrontação ideológica que se veria em confronto na Segunda Guerra Mundial: de um lado os fascistas, apoiando o golpe militar contra a II República e, de outro, os comunistas que suportavam a luta internacionalista de defesa ao governo eleito em 1934 (ROVIDA, 1988; MEIHY e BERTOLLI FILHO, 1996). Da mesma forma, fora durante a Guerra Civil na Espanha que ficou claro, para muitos intelectuais, as posições autoritárias do stalinismo, especialmente durante a supressão de sua dissidência, em 1936, quando do racha com anarquistas e demais grupos trotskystas, desencadeada em Barcelona (ORWELL, 2001). Essa era, por exemplo, a posição de Orwell desde 1937, quando ele lança seu primeiro texto acerca de sua participação na Guerra Civil Espanhola, quando denunciara, ambos, o stalinismo e o fascismo, como perigos irremediáveis, não apenas para o avanço progressista das forças de esquerda, mas para a própria paz, irremediavelmente instável no continente. Esse primeiro texto foi intitulado *Spilling the Spanish beans*, publicado na revista *New English Weekly*, em 29 de Julho e 2 de Setembro de 1937. E antecedeu, inclusive, o trabalho de Orwell, mais conhecido do grande público, e que se ocupa da Guerra Civil espanhola, *Homage to Catalonia* (no Brasil publicado com o título de *Lutando na Espanha*), publicado pela primeira vez em 1938⁸.

Dentro do contexto internacional da definição do *Popular Front* como a tática internacional de combate ao fascismo, em 1935, a *Partisan Review*, em seus primeiros números, era contrária a uma nova guerra mundial, combinando, nas palavras de Terry Cooney, “a polêmica anti-stalinista com a doutrina radical das ‘lições’ aprendidas com a Primeira Guerra Mundial”. Na primavera de 1938,

⁷ A definição da guerra mundial como o assunto central a ser debatido pela Liga angariou uma massiva adesão entre os intelectuais que compunham o círculo em torno da *Partisan Review*: Lionel Abel, James Burnham, F.W.Dupee, James T. Farrell, Clement Greenberg, Dwight Macdonald, George L.K. Morris, William Phillips, Philip Rahv, Harold Rosenberg, Meyer Shapiro e Delmore Schwartz, além de outros contribuidores que escreviam para a *Partisan*.

⁸ Em 2001, a editora Penguin Books, de Londres, lançou uma coleção que reúne isoladamente todos os escritos de Orwell relativos a Guerra Civil espanhola, intitulado *Orwell in Spain*. Textos que, no entanto, já haviam sido publicados em outras coleções de sua obra, como aquelas que já nos referimos neste artigo. Produção que analisamos em grande parte na dissertação de mestrado defendida em 2010, no Departamento de História da Universidade de São Paulo, intitulada *O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não-ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949*, a qual contou com financiamento da FAPESP.

a guerra se tornou questão central no editorial da *Partisan* (já em sua fase anti-stalinista), no editorial intitulado *This Quarter*, dividido em cinco temas: o primeiro deles, *This Quarter: Munich and the Intellectual*, *Partisan Review* 6, primavera de 1938, p.7-10 – que tratou da Conferência de Munique de finais de setembro (1938), e que “denunciava” a “manipulação de políticas social-patrióticas, idênticas às ilusões supra-classistas que apareceram em 1914 e que eles haviam renunciado para sempre” (COONEY, 1986, p.168).

O segundo editorial do início de 1939, “ilustrou o poder da questão da guerra em alterar a atenção da *Partisan Review* do stalinismo naquele momento, em direção a visão de liberais do mainstream” (COONEY, 1986, p.168) nos EUA. Com isso, os editores da *Partisan* afastavam-se de qualquer visão que polarizasse as análises sobre o Nazismo, por exemplo, de interpretações que atribuíssem as causas da guerra a referências “coletivas”, fruto da “natureza de um povo”, ou seja, do povo alemão. Da mesma maneira, deu-se com o terceiro editorial, intitulado *This Quarter: Anti-fascist Jitterbug*, *Partisan Review* 6, inverno de 1939, p.4-6 – provavelmente escrito por Philip Rahv. Essa era, por exemplo, a maneira como Hailing Lewis Mumford, analisava o racismo nazista. Para Mumford, o ódio racial que caracterizava o nazismo era fruto da “patologia da mente alemã” que se equalizava com o “hun-baiting de 1914-18”. Como analisa Terry Cooney, que estudou detalhadamente esse período da *Partisan Review*, era mais que óbvio tomar como referência qualquer tipo de caracterização coletiva do nazismo como um desdobramento “racial”, “étnico” ou “cultural” do “caráter alemão”. Seria repetir a mesma fórmula utilizada por Hitler para tratar dos judeus (COONEY, 1986, p.168).

É preciso notar que, nesse ponto, Cooney reintroduz o tema da autocrítica nacional no teor dos debates sobre a guerra mundial dentro da *Partisan Review*. Ao descaracterizar (ou, re-problematizar) um tipo de discurso que parecia comum em alguns dos primeiros analistas que pensaram o fenômeno nazista, especialmente em relação à construção de sua máquina de ódio contra os judeus (veja que é importante lembrar que esses debates se davam dentro da comunidade intelectual de Nova York, com muitos membros de origem judaica), os debates da *Partisan Review* tornaram o problema, em torno desse tipo de análise, uma questão muito maior, para além das tentativas de compreensão do *ethos* nazista: um problema que se construía como o reflexo de um espelho – e aqui, reafirmando seu caráter ideológico, no sentido marxista do termo – em que o que se colocava em questão era também a construção paralela de um discurso afirmativo de superioridade racial, ética e moral, dos EUA (e o mesmo se dava na Grã-Bretanha, de certa maneira), frente aos envolvidos na Guerra: os alemães e os russos, nessa primeira fase, e depois os japoneses, a partir de 1942, logo após o ataque a Pearl Harbor. Ou

seja, argumentar que os EUA deveriam apoiar a guerra ao lado dos britânicos pelo “espírito superior” anglo-saxão frente à barbárie nazista (atribuída então a uma “degenerescência” do “caráter alemão”), era repetir a fórmula da “superioridade” (racial ou política) de um povo sobre o outro. Mecanismo mais que comum em muitos dos argumentos pró-guerra elaborados tanto entre os intelectuais como no discurso oficial da propaganda belicista às vésperas da entrada definitiva dos EUA na guerra.

Esse tema foi parte fundamental nas argumentações de Orwell em sua segunda carta a *Partisan Review*, na edição de Julho-Agosto de 1941 (ORWELL apud DAVISON, 1998, v. 13, p. 470-479). Nesse que seria o segundo contato de Macdonald com Orwell, relativo aos textos que comporiam a seção, o editor da *Partisan* enviou uma lista de dez questões a Orwell para que ele tomasse como referência temática de sua carta. Macdonald, contudo, faz questão de deixar claro que não era preciso que Orwell respondesse a todas as questões textualmente, mas que elas servissem como um guia temático. Nesse sentido, vai ficando claro a estrutura imaginada pelos editores da *Partisan* para as *London Letters*: claramente, a intenção é de que as cartas (ao menos essas primeiras) fossem um guia para questões nativas (estadunidenses) específicas, pensadas em contraponto a conjuntura britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Como poderemos ver no tipo de questões temáticas, o eixo girava em torno de temas políticos, todos transversalmente entrecortados, contudo, por questões culturais e intelectuais. Nessas duas primeiras cartas, não parece haver a primazia de um debate teórico sobre o marxismo, apesar de Orwell já ter adentrado essa problemática na primeira carta, quando, logo na abertura, atrelou a vitória contra o fascismo a uma necessária revolução social. E dessas dez questões, três delas faziam referência direta às questões conjunturais do presente, como veremos a seguir. A primeira das dez grandes questões enviadas por Macdonald foi, então, a seguinte:

Qual é o nível e o tom da imprensa popular nos dias de hoje? Quanta informação real sobre o esforço de guerra sai? Com que profundidade são relatadas as greves e os problemas trabalhistas? Os debates no Parlamento? Quão dominante é a propaganda? Esta propaganda é em sua maioria patriótica como na última guerra, ou é mais anti-fascista? E quanto ao rádio? E o Cinema? (MACDONALD apud DAVISON, 1998, v. 12, p. 471).

E Orwell começara, justamente, a refletir sobre os efeitos do contexto sobre a imprensa britânica, alvo histórico de suas críticas desde o início da década de 1930. Nesse momento, contudo, Orwell indicou que os esforços de guerra que mobilizavam o país atingiam também a grande imprensa, produzindo uma sensibilidade comum sobre o momento por que passava a Grã-Bretanha na pior fase da guerra para o país. E, surpreendentemente,



Orwell apontava uma leve orientação pendular à esquerda nestes periódicos, com algumas exceções da imprensa profundamente conservadora, em especial a católica. Parte disso, Orwell atribuiria, na sequência, ao tamanho da guerra e sua repercussão internacional. “Quanto à exatidão das notícias, eu acredito que essa é a guerra mais confiável já lutada nos tempos modernos”, não tardou em afirmar Orwell (ORWELL apud DAVISON, 1998, v. 12, p.471-472). E a comparação imediata seria, inevitavelmente, com a repercussão da Primeira Guerra e, em especial para Orwell, da Guerra Civil espanhola.

[...] É claro que só se vê jornal inimigo muito raramente, mas em nossos próprios diários não há certamente nada que se compare com as mentiras terríveis que foram contadas em ambos os lados, em 1914-1918, ou na Guerra Civil espanhola. Acredito que o rádio, especialmente em países onde não é proibido ouvir transmissões estrangeiras, está tornando as mentiras em larga-escala cada vez mais difíceis (ORWELL apud DAVISON, 1998, v.12, p. 471-472).

A apreciação popular da guerra, contudo, encaminhava uma mudança importante, segundo Orwell. O inimigo estava sendo substituído aos poucos do “nazi” para o “alemão”, readquirindo, em escala muito menor, contudo, os contornos de uma guerra entre nações tal qual durante a Primeira Guerra Mundial. Parte disso, justifica Orwell, poderia ser atribuído ao papel crescente da propaganda na vida pública britânica, cujo papel estratégico avançava a medida que os esforços de guerra se intensificavam. E na parte final dessa primeira parte, Orwell fez referência ao papel da BBC, veículo central da propaganda britânica – a qual Orwell atribuiu um caráter mais confiável do que à imprensa escrita. Não notava, porém, mudanças significativas no cinema, ainda distante dos efeitos políticos da guerra em sua técnica e temática.

A segunda questão enviada para Orwell fora a seguinte: “Existe alguma escrita séria sendo feita? Existe alguma literatura anti-guerra como Barbusse etc, na última guerra? Pelo que ouvimos aqui, há uma tendência para o romantismo e escapismo pelo escrito britânico atual. Isso é verdade?” (MACDONALD apud DAVISON, 1998, v.12, p.472). Mais uma vez, Orwell compara a então conjuntura da Segunda Guerra Mundial à situação de 1914-18. O ambiente literário que circundava a Primeira Guerra, contudo, foi para Orwell mais rico para a literatura britânica, do que havia sido até aquele momento do desenrolar da guerra contra o fascismo. Orwell, contudo, não enxergava nenhuma tendência “escapista” na produção literária britânica, mesmo que compreendesse que era possível sim, que se algum grande trabalho surgisse naquele momento ele deveria se apoiar em um certo subjetivismo, já que o realismo literário estava sendo esmagado pela barbárie.



A sétima questão enviada por Macdonald a Orwell para que este compusesse a segunda de suas cartas para a *Partisan Review*, insistia no tema da preservação das liberdades civis em meio à guerra: “Como você explica o que, por aqui, parece ser a quantidade notável de democracia e liberdades civis preservadas durante a guerra? Pressão dos trabalhadores? Tradição britânica? Fraqueza das classes superiores?” (MACDONALD apud DAVISON, 1998, v.12, p. 472).

Em sua resposta, Orwell lembra o lançamento de seu livro *The Lion and The Unicorn*, em que tratou da questão da divisão de classes britânica e de como as “lealdades familiares” (Orwell prefere esse termo à “tradição britânica”) se enviesavam pelas divisões de classe, contudo, reafirmando-as. E a relação das classes dominantes britânicas com as liberdades civis e a democracia parece representar bem essa ideia:

A classe dominante britânica acredita na democracia e na liberdade civil de uma forma estreita e em parte hipócrita. De qualquer forma eles acreditam na letra da lei e, por vezes, vão cumpri-la quando não é a sua vantagem. Eles não mostram nenhum sinal de desenvolvimento de uma mentalidade verdadeiramente fascista. Liberdade de todo tipo deve, obviamente, diminuir como resultado da guerra, mas, dada a atual estrutura da sociedade e de sua atmosfera há um ponto além do qual essa queda não passará. A Grã-Bretanha pode ser “fascistizada” de fora ou como resultado de uma revolução interna, mas a velha classe dominante não pode, na minha opinião, produzir um verdadeiro totalitarismo por conta própria. Eles são muito estúpidos. É em grande parte porque eles têm sido incapazes de compreender a natureza-primeira do fascismo que estamos nesta confusão toda (ORWELL apud DAVISON, 1998, v.12, p.476).

É preciso notar que os temas tratados por Orwell em sua *London Letter* eram problemas presentes também dentro do campo da esquerda intelectual dos EUA, em especial em meio ao *Popular Front* dos EUA: ou seja, a ideia de uma “auto-consciência Americanista” (DENNING, 1997). O que significava isso? Resposta: a tradução do internacionalismo do movimento comunista internacional, em uma tentativa de construção de uma identidade política própria da esquerda nos EUA. A questão em jogo, então, era a seguinte: como construir uma identidade nacional própria, sem, porém mistificar a si próprio e, com isso, o olhar sobre o outro? É preciso lembrar também, como já o fizemos em texto anterior, que esse era um processo no qual a própria *Partisan* estava engajada, desde sua tentativa em conduzir, sob bases interpretativas próprias, uma reinterpretação do modernismo estadunidense, baseado numa leitura não-ortodoxa do marxismo segundo as linhas oficiais do stalinismo⁹.

⁹ Questão analisada no texto: *Em busca de uma outra modernidade? O marxismo como reação cultural ao modernismo e a experiência da revista nova-iorquina Partisan Review nos anos de 1930*, que integrará uma coletânea do Centro de Estudos Marxistas, CEMARX, da UNICAMP, a ser lançada ainda sem data prevista.

De volta ao momento específico de reelaboração da crítica da *Partisan Review* à guerra mundial e ao fascismo, Terry Cooney lembra que o modelo, quase que natural, de interpretação dos fatos ligados à conjuntura belicista do final da década de 1930 foi aquele proposto por Randolph Bourne, cuja inspiração para o círculo de intelectuais em torno da *Partisan Review* ficou evidente em consecutivos editoriais da revista da metade da década de 1939 em diante e que retomavam a linha interpretativa de Bourne, duas décadas antes, sobre a Primeira Guerra Mundial (COONEY, 1986, p.168). O primeiro daqueles textos foi assinado por Dwight Macdonald e fora intitulado, *War and the Intellectuals: Act two*, na *Partisan Review* 6, primavera de 1939, p.3-20. Em seguida, aparece um texto de Philip Rahv, intitulado, *Twilight of Idols*, que se conectava ao debate iniciado pouco antes por Macdonald (COONEY, 1986, p.169).

No ensaio de Macdonald estava implícita a reação dos intelectuais dos EUA para com a Primeira Guerra Mundial e como a sociedade estadunidense reagiu às suas posições. Para Macdonald, o clima que se sucedera à entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial, retornaria agora, no raiar de uma nova guerra. Seus maiores efeitos (dentro dos EUA, já que o perigo real da guerra efetiva em território estadunidense ainda era descartado) seriam sentidos, no entanto, sobre o pensamento não-alinhado aos esforços de guerra e teriam a mesma repercussão nefasta que tivera a pouco mais de duas décadas atrás. Com isso, “[...] A guerra contra o fascismo no estrangeiro significaria a ‘submissão à classe dirigente em casa’”, como caracterizaria Macdonald. O sentimento internacionalista anti-fascista, anterior à guerra, seria agora, com ela declarada, substituído por um “anti-fascismo fascista”, insistia Macdonald. Estava mais que claro que a regressão do pensamento liberal, forçada (ou justificada) pela luta contra o fascismo, resultaria em um Estado tão repressor quanto aquele a que se estava combatendo. E isso era muito claro para Macdonald: “O primeiro resultado da guerra contra o fascismo estrangeiro seria a introdução de uma ditadura doméstica” (MACDONALD apud COONEY, 1986, p.169).

É interessante notar que esse foi o tema central de outro dos textos para a coluna assinada por Orwell para a *Partisan* e que seria publicada na edição de Novembro-Dezembro de 1942 (ORWELL apud DAVISON, 1998, v. 13, p. 518-522, vol.14). Nela, parece haver uma preocupação clara de Orwell em relatar a liberdade de expressão *versus* o posicionamento ideológico da imprensa na Inglaterra. No texto, ele repassa algumas das linhas editoriais dos jornais e sua situação diante da censura institucional e como esses retratavam o andamento da guerra (ORWELL apud DAVISON, 1998, v.13, p. 518-519). Ainda falando da censura interna na Grã-Bretanha, Orwell volta à carga novamente



para o papel desempenhado pela imprensa naqueles tempos de guerra. Na sequência, ainda explorando esse tema da “cultura” criada pela propaganda de guerra, Orwell analisa como o jogo de palavras dos anúncios espalhados por Londres simbolizavam uma estrutura econômica artificial, construindo um simulacro de capitalismo sob uma economia em ruínas. Por fim, finalizando essa carta, Orwell retoma o tema da necessidade de combinar os esforços de guerra com uma guinada à esquerda, rumo a uma revolução socialista, como condição essencial para a derrota do fascismo. Toda a comparação entre a situação interna britânica – a escassez de produtos, a desaceleração da economia e sua guinada para uma economia predominantemente bélica, o aumento do controle do Estado sob a vida diária etc – em 1914-18 e durante a segunda guerra, estabelecia o terreno em que Orwell assentava essa ideia. Uma certeza era, para ele, clara: o velho capitalismo morreria.

Em muitos sentidos, os problemas expostos por Orwell pareciam combinar exatamente com as preocupações dos intelectuais da esquerda anti-stalinista de Nova York, às vésperas da entrada do país na Guerra Mundial, pouco antes de Orwell apresentá-los em sua carta. O medo de um regime repressor dentro dos EUA também era premente dentro da *League for Cultural Freedom and Socialism*. Como ficou claro na declaração da Liga, o medo da repressão interna nos EUA, caso esse (desnecessário) entrasse na guerra, era evidente: “A nossa entrada na guerra, sob o lema ‘Parem Hitler!’ resultaria na introdução imediata de totalitarismo por aqui ... as massas americanas podem ajudar melhor ... lutando em casa para manter as suas próprias liberdades”. Com isso, a entrada dos EUA na guerra significaria, “corrupção para aqueles que aceitarem isso, prisão, se não física, ao menos espiritual para aqueles que não” (COONEY, 1986, p.170). Como declarava o editorial *War is the issue!*, o papel do intelectual deveria ser o de recusar, veementemente, a guerra, para não repetir o erro de décadas anteriores, ao mesmo tempo que deveriam assumir as responsabilidades por sua profissão.

Os caminhos de uma nova literatura engajada

O calor das ideias convulsionadas pelo ambiente do *Popular Front*, nos EUA da década de 1930, há muito se extinguiu. Fora naquele ambiente que, dialeticamente – entre a aceitação daquela efervescência criativa como “síntese de radicalismo” e a recusa de seus caminhos literários – ficou claro que o monstro que daria origem à *Partisan Review* havia sido alimentado. Com o correr da década, no entanto, e as várias quebras de continuidade no processo de (re)formação dos caminhos político-ideológicos dos intelectuais da esquerda de Nova York, novos problemas foram sendo (im)postos como



obstáculos a serem superados no processo de reorientação identitária da *Partisan Review*.

Tem-se, com isso, o ano de 1939 – que marcou simultaneamente o fim do *Popular Front*, com a assinatura do Pacto Nazi-soviético e o início da Segunda Guerra Mundial. Tanto quanto os novos dilemas trazidos pela conjuntura político-econômica internacional e seus possíveis reflexos internos nos EUA – cuja memória da Primeira Guerra e seus efeitos para o universo intelectual do país ainda estavam tremendamente vivos, como vimos acima – havia, então, novos dilemas relacionados aos efeitos ideológicos da aproximação da URSS com o fascismo, o que cindiu definitivamente a esquerda dentro dos EUA. Para a *Partisan*, já há muito afastada do *mainstream* partidário comunista, sua identidade se baseava em sua crítica a crise do movimento comunista internacional (e seus reflexos nacionais). Da crise da esquerda dentro dos EUA surgiu a possibilidade também para, uma vez mais, reafirmar o caráter independente da revista, tanto quanto reafirmar os valores que deveriam guiar essa independência. O papel social do intelectual, em torno de sua posição como um “grupo social especial”, com suas tradições próprias, criatividade e integridade individual, agora apareciam como centrais na ideia da “missão cultural” da *Partisan Review*.

A rememoração de valores fundamentais ao trabalho intelectual e ao papel da *Partisan Review* foram temas centrais para Philip Rahv e James T. Farrel em seus últimos artigos da década de 1930, que pareceram prenunciar os desafios do porvir. Em seu artigo, intitulado *Twilight of the Thirties*, e publicado na *Partisan Review* 6, verão de 1939, Rahv argumentara que a defesa da revolução social como um aspecto fundamental para a construção de uma cultura emancipatória, fora, não apenas justa, mas acertada na metade da década de 1930. Foi a defesa da revolução social que elevou a cultura ao um novo nível – aqui, há que se notar, Rahv faz uma referência indireta ao afastamento dos intelectuais de sua geração dos valores culturais tradicionais nativos, baseados, também, no modernismo. O que impedira a continuação desse projeto de construção de uma literatura radical e emancipatória, havia sido a intransigência autoritária dos stalinistas. Foi a influência comunista, segundo Rahv, que provocou a supressão dos sonhos de construção de uma cultura emancipatória, tanto dentro da *Partisan Review*, quanto na literatura ocidental. É preciso entender que nesse momento, Rahv tece suas reflexões como uma espécie de autocrítica da esquerda, dentro e fora dos EUA. Por isso, suas palavras são direcionadas diretamente ao stalinismo, sem tocar, no entanto, no fascismo ou nas pressões políticas internas dos EUA, por exemplo, expostas nas políticas governamentais que direcionaram a produção cultural



para o esforço de reconstrução da economia do país na década de 1930, por meio das políticas públicas do *New Deal* (DENNING, 1997).

Assim, como autocrítica, tanto da esquerda como das próprias experiências da *Partisan Review* e de seus círculos de intelectuais em meio a ela, Rahv não evitava reconhecer seus próprios (e, obviamente, da revista) erros. Insiste, no entanto, que a *Partisan* sempre trilhara o caminho na tentativa de conjugar a arte e as ideias radicais. Com isso, Rahv faz um raio-x do papel da política para a arte na década de 1930: do então caminho mais frutífero para a percepção das relações entre a imaginação literária e a realidade social, a política passa a ser uma barreira para os impulsos da criação imaginária e, por consequência, sua auto-aniquilação. O ponto central da argumentação de Rahv era de que a política *tout court* não podia ser estabelecida como um simulacro e que, se assim fosse, não se podia esperar bons resultados para a literatura.

Nesse momento, mais uma vez, as relações tradicionais do artista moderno para com a sociedade que o cercava retornavam com força criadora na argumentação de Rahv sobre o papel do intelectual contemporâneo. Ao tratar dos labirintos criados pela *intelligentsia* para si própria – valores morais e éticos que mantinham o intelectual introjetado em si mesmo e, muitas vezes, isolado da sociedade – Rahv reconhece a construção de valores extremamente críticos a sociedade burguesa. Apesar do isolamento do artista moderno, esse isolamento fora frutífero na manutenção de sua “Integridade intelectual”.

Frente às pressões exercidas pelo fascismo, pelo stalinismo e pelo nacionalismo sobre a literatura, essa volta a um passado onde o intelectual se encontrara no *sprit de corps* criado pelo sentido de *intelligentsia*, parecia, segundo as argumentações de Rahv, o melhor caminho para a reconquista de um espaço criativo independente. A volta ao modernismo do final do século XIX, parecia querer reviver o próprio avivamento que a cultura moderna dera ao mundo – com “o romantismo, o naturalismo, o simbolismo, o expressionismo, o surrealismo etc.”. “A tradição do desapego e da dissidência fora também a tradição da diversidade e da vitalidade”. “O que Rahv queria, claramente, encontrar na tradição da *intelligentsia* e na literatura moderna era uma força para sustentar a *Partisan Review* durante o período de colapso e conflagração do mundo [dos anos da Segunda Guerra Mundial]”, conclui Cooney (COONEY, 1986, p.199).

Desencadeada a guerra, e mergulhado o mundo nas disputas entre ideologias que pareciam tão autoritárias umas quanto as outras para o intelectual independente, o otimismo não podia mais ser uma saída aceitável. O retorno ao passado modernista – mais uma vez, como fora para a *Partisan Review* antes, quando da separação dos comunistas, em 1937 – podia assegurar, com

isso, a manutenção do tradicional senso de integridade intelectual que parecia necessária para, dali, fazer avançar um projeto novo, alternativo às narrativas (políticas, mas também estéticas) do presente.

A tentativa de recuperar valores tradicionais da ação intelectual, como base para um projeto alternativo no presente, fez revivescer nas ideias de Rahv para a *Partisan*, também outro valor que fora fundamental em 1937: um senso de identidade de grupo muito forte. As reflexões de Rahv, daquele ano de 1939, dirigiam-se à situação cultural interna dos EUA no momento em que explode a guerra mundial, dominada por um sentimento nacionalista e pró-guerra. Para o círculo da *Partisan*, os liberais pró-guerra produziam um discurso tão nocivo para a literatura quanto os fascistas e os stalinistas. A *Partisan Review* se foca, então, em uma crítica ao reavivamento dos ideais liberais recuperados do contexto da Primeira Guerra Mundial, principalmente baseados em valores culturais nacionais tradicionais.

Recuperar as relações da literatura modernista com uma crítica da sociedade, uma vez mais, como fora para os anos de 1920 nos EUA, e como fora para a própria *Partisan Review* em 1937, fora o caminho dialético trilhado pelo seu círculo de intelectuais, para reafirmar os valores de independência da revista e manter firmes a crítica às narrativas correntes – o nacionalismo, o fascismo e o stalinismo. A grande vantagem desse projeto, – uma vez mais afirmo, alternativo às narrativas correntes – para o círculo ao redor da *Partisan Review*, foi permitir a continuidade do radicalismo de suas ideias, enquanto se afastavam progressivamente do marxismo ao longo da década de 1940. Fora esse projeto, por exemplo, que permitiu a muitos dos intelectuais situados em torno da *Partisan Review* se realinhar a uma noção de uma “cultura elevada”, forçando-os a um retorno a uma literatura do passado. Movimento que possibilitou a esses homens e mulheres se ancorar em valores como o pensamento crítico e o cosmopolitismo – fundamental para a formação cultural dos intelectuais em Nova York, como demonstrou, por exemplo, Heloísa Pontes (2003) – ao mesmo tempo em que erigiam sua crença nos valores básicos de uma sociedade democrática. Esse caminho, forçosamente, baseado em uma leitura historicista da tradição modernista, traduzido na afirmação dos desafios em se publicar um “trabalho seriamente criativo”, reafirmou os valores tradicionais da *intelligentsia* entre o círculo da *Partisan Review*, que lhe serviu bem como norte nos anos da Segunda Guerra Mundial (COONEY, 1986, p. 206).

A defesa da cultura moderna e a aproximação com uma vanguarda radical europeia nos anos da Segunda Guerra Mundial



Defender a cultura moderna possibilitou aos editores da *Partisan* novos horizontes na década de 1940. Enquanto a *Partisan Review*, da década de 1930, teve o apelo dos ideais da esquerda de Nova York, a *Partisan*, da década seguinte, teve um apelo internacional.

Entre 1939 e 1941, a *Partisan Review* viu uma volta aos anos de 1920, com a publicação de artigos memorialísticos que recordavam a ascensão da geração modernista europeia – como os artigos de Louis MacNeice sobre o nascimento da geração de Auden; Eugene Jolas, sobre James Joyce; Marianne Moore sobre a efervescência das ideias das vanguardas modernistas. Ao mesmo tempo, os editores da *Partisan*, aproximaram relações com suas contra-partes europeias. Os primeiros europeus a serem incorporados como colaboradores fixos foram André Gide, encarregado de uma coluna chamada *Pages from a Journal*, em 1939, e Stephen Spender, com uma coluna chamada *September Journal*, em 1940. “Cartas” de correspondentes estrangeiros também aparecem nesse momento: as primeiras vindas de Paris e Londres. Terry Cooney, uma vez mais, sugere que a incorporação de intelectuais europeus nessas novas seções criadas dentro da *Partisan Review*, reforçaram a ideia da importância de uma *intelligentsia*, independente, e detentora de valores políticos e estéticos autônomos (COONEY, 1986, p.207).

A aproximação da geração modernista, no entanto, teve como caminho, também, o estreitamento de relações com os modernistas nos EUA. Em 1939, o *Simposium on American Writing*, organizado pela *Partisan Review*, reuniu uma gama diversa de autores que contribuíram diretamente com a literatura estadunidense da década de 1920, reafirmando o papel da cultura local para a experiência moderna¹⁰. Ainda no final da década de 1930, Cooney lembra da “reaproximação” do círculo em torno da *Partisan Review* para com os poetas modernistas do sul dos EUA – e foca a análise brevemente na relação entre Philip Rahv e Allen Tate. Cooney não hesita em afirmar que a *Partisan Review* ganhou força com essas novas conexões com o “sul” – seus escritores e críticos. Além disso, a possibilidade de estender suas redes de comunicação com os europeus, os veteranos da década de 1920, poetas e escritores emergentes, além dos escritores do sul, ajudou a guiar a revista pelo caminho crítico da década de 1940 (COONEY, 1986, p. 208-209).

As novas fronteiras estabelecidas pela *Partisan Review*, no final da década de 1930, seriam as mesmas que guiarão a revista até o final da Segunda Guerra Mundial: a crença em uma literatura, ao mesmo tempo,

10 Entre eles John Dos Passos, Allen Tate, James T. Farrell, Kenneth Fearing, Katherine Anne Porter, Wallace Stevens, Gertrude Stein, William Carlos Williams, John Peale Bishop, Harold Rosenberg, Henry Miller, Sherwood Anderson, Louise Bogan, Lionel Trilling, Robert Penn Warren, Robert Fitzgerald, R. P. Blackburn, Horance Gregory. Como ressalta Cooney, a intenção, com isso, era transformar a revista em um centro contínuo de cultivação da escrita moderna (COONEY, 1986, p. 208).



engajada nos problemas contemporâneos, mas que pudesse estar alheia às tipificações das narrativas políticas hegemônicas em disputa no presente – ou a tríade nacionalismo, fascismo, stalinismo. Para isso, reforçava-se o ideal não apenas de uma arte independente, mas de uma *intelligentsia*, no sentido estrito de um grupo social com valores éticos e morais próprios (COONEY, 1986, p. 209).

Sobre o retorno dessa noção de “ideal” dentro da *Partisan Review* no começo da década de 1940, são emblemáticos os ensaios de Delmorte Schwartz, *The Poet as Poet*, *Partisan Review* 6, primavera de 1939, p.55-56, e de F.W. Dupee, *The Discussion was Lively*, *Partisan Review* 8, novembro-dezembro de 1941, p.512-513. Especialmente em Dupee, pode-se ler a defesa de uma literatura que reflete a si mesma e se preocupa com seus valores internos. Além disso, para Dupee, “talvez” fosse apenas fazendo referência à situação histórica sobre o momento em que a obra literária era produzida que se podia entendê-la como um todo.

Da mesma maneira, o esgotamento das formas marxistas como cimento da relação entre a arte e a política, entre o círculo da *Partisan*, aparece em uma resenha de William Phillips sobre um livro do escritor italiano Ignazio Silone, publicado em 1942 (Cooney, que cita a resenha de Phillips, no entanto, não dá o título do livro de Silone). Para Silone, um dos fundadores do Partido Socialista Italiano e um dos mais influentes intelectuais anti-stalinistas europeu, a saída para o stalinismo estava na readmissão de valores éticos tradicionais, baseados na vida campesina e na religião. Para Phillips, a argumentação de Silone parece uma recusa da cultura urbana a favor de um “estoicismo campesino”. Além disso, seu retorno à religião parecia explicar, para Phillips, seu interesse na vida rural, o que, em ambos os casos, abria caminho para todos os tipos de mistificação. A análise que Phillips oferece de Silone deixa claro, mais ainda, seus próprios valores cosmopolitas, ao mesmo tempo que ressalta sua incapacidade em propor uma saída paralela entre os valores tradicionais do marxismo e a “saída” ética de Silone. Para Phillips, o que Silone fez foi apontar o espelho uma vez mais para os intelectuais radicais que desistiam do marxismo, mantendo-se crentes quanto a sua possibilidade de redenção (leia-se aqui redenção frente ao stalinismo).

Outro ponto fundamental no processo de redefinição das fronteiras críticas da *Partisan Review*, no início da década de 1940, estava na dedicação a uma reinterpretação da tradição nacional. O Estudo do “Americanismo”, como já tratamos aqui nesse artigo, foi fundamental, por exemplo, para Philip Rahv. Seu artigo, *Twilights of the Thirties* foi emblemático na redefinição dos horizontes críticos da *Partisan*, no qual Rahv já havia considerado o peso da tradição nacional para a cultura moderna. Além desse, Rahv se dedicou



a inúmeros outros trabalhos, entre artigos para as maiores revistas literárias de seu tempo nos EUA – além da *Partisan Review*, a *Southern Review* e a *Kenyon Review* – alguns livros, como sobre Kafka e “a literatura em uma época política”. Além dos trabalhos de Rahv, outros artigos foram fundamentais entre esses estudos sobre a cultura nativa. Entre esses, o artigo de Edmund Wilson sobre Henry James, intitulado, *The last phase of Henry James*, para a *Partisan Review* 4, fevereiro de 1939, p.3-8 (COONEY, 1986, p. 212-213).

Junto com Henry James, a recepção crítica a Franz Kafka desempenhou papel fundamental nas apreciações dos intelectuais em torno da *Partisan* sobre os alcances críticos do modernismo, ou, através do modernismo, o destaque a valores primordiais, como o cosmopolitismo, a secularidade e a racionalidade¹¹.

Foi fora da *Partisan Review* – no artigo *The death of Ivan Ilyich and Joseph K.*, para a *Southern Review* 5, 1939-1940, p.174-185 – no entanto, que Rahv deu uma carga “ideológica” a suas análises sobre Kafka. Nesse texto, em que comparava o trabalho do escritor tcheco com Tostoy, Rahv considerou que, apesar de carregarem uma dura crítica à vida burguesa, ambos se afastavam do cosmopolitismo e do pensamento crítico. Com isso, ao rejeitarem a civilização e o presente em favor da religião, do passado e do país, ambos rejeitavam o racionalismo. “O problema”, para Rahv, “estava, novamente, em justificar uma alta avaliação dos *insights* da literatura moderna sem aceitar as conclusões ‘reacionárias’ que os escritores tendiam a alcançar”, conclui Cooney (1986, p. 215).

“As cartas de Londres”: a adesão de uma nova estética radical e a participação de George Orwell na *Partisan Review*

Na década de 1940, insistindo nisso que vimos até aqui como um conjunto de novas preposições teórico-interpretativas, tanto para a literatura, quanto para a crítica, como também para a política, os intelectuais congregados em torno da *Partisan Review* propuseram uma série de alternativas reflexivas com o intuito de reavivar, não apenas o marxismo, mas os valores humanistas do socialismo, frente ao dogmatismo da política contemporânea.

Entre as várias possibilidades de reinterpretação dos caminhos políticos que poderiam ser trilhados, tanto pela *Partisan Review*, quanto

¹¹ Na nota 43, da p. 215, Cooney destaca que o primeiro livro de Kafka publicado nos EUA foi *The Castle*, em 1930. No entanto, só foi a partir da publicação do *The Trial*, em 1937, que o escritor tcheco ganhou destaque. A primeira crítica a Kafka dentro da *Partisan* aparece em 1938, como uma biografia crítica elaborada por Max Brod, amigo pessoal de Kafka e seu editor. A partir de então – incluindo as tentativas de publicação de três textos do próprio Kafka em 1939, 1941 e 1942 – várias resenhas são publicadas na *Partisan*, incluindo textos de William Phillips, F.W.Dupee, Max Brod e Philip Rahv.

pelos intelectuais ao seu redor, uma das mais instigantes disputas surgiu no debate entre James Burnham e Dwight Macdonald. Ambos haviam trilhado os caminhos do trotskismo na segunda metade da década de 1930, cada um, no entanto, aderindo às perspectivas próprias de interpretação das ideias de Trotsky. No início da década, Burnham publicou o artigo, *The Theory of Managerial Revolution*, na *Partisan Review* 3, maio-junho de 1941, p.181-197 e o panfleto *The Managerial Revolution: What is happening in the World*, em Nova York, em 1941. Já Macdonald, criticando o extremismo da visão de Burnham quanto à ideia da ascensão de uma nova classe de técnicos, publica o artigo, *The Burnhamian Revolution*, *Partisan Review* 9, janeiro-fevereiro de 1942, p.76-84.

O ponto de Macdonald passava irremediavelmente por uma diferenciação do “coletivismo burocrático” da Alemanha e da Rússia, do capitalismo praticado nos EUA, na Grã-Bretanha e na França. Macdonald, porém, segue a linha argumentativa marxista, e exalta a importância da centralização política nas novas sociedades, a ponto de tornar a economia secundária à organização política. Sua argumentação gira em torno da visão de que os “regimes totalitários”, mesmo que “novos e poderosos”, tinham que ser vistos a partir de suas fragilidades e não como estáveis e permanentes. Segundo Macdonald, com isso, esses regimes eram vulneráveis às forças das massas revolucionárias, que deveriam aparecer na próxima década ou duas, do processo de transição política da sociedade. E aqui Macdonald se reconcilia com a ideia radical original da revolução social como único caminho viável para a derrota do fascismo (COONEY, 1986, p. 183).

Veja que nessa argumentação de Macdonald, as semelhanças com o pensamento de Orwell são evidentes. Esse último ponto do argumento – da necessidade da revolução social ser o único caminho para a derrota do fascismo – é basicamente o mesmo ponto que Orwell apresentou no *The Lion and the Unicorn*, lançado naquele mesmo ano de 1941, quando ele defendeu a necessidade da revolução socialista na Grã-Bretanha como caminho para a derrota, interna e externa do fascismo, como vimos acima nesse artigo e ao qual analisaremos mais detidamente agora.

Em muitas medidas, esse é justamente o tema da primeira das *London Letters* de Orwell (apud DAVISON, 1998, v. 13, p. 352-57). ^{Nela}, Orwell escreve o seguinte, analisando a conjuntura político-econômica britânica no começo do ano de 1941:

Bem, quanto à situação política, eu acho que é certo dizer que no momento estamos no meio de uma limpeza que não vai fazer muita diferença afinal. Os reacionários, o que significa mais ou menos as pessoas que lêem o Times, tiveram um grande susto no verão,



mas salvaram-se pela pele de seus dentes, e agora eles estão consolidando a sua posição contra a nova crise que é provável que surja na primavera. No verão, o que havia era o equivalente a uma situação revolucionária na Inglaterra, embora não houvesse ninguém para tirar proveito dela. Depois de vinte anos sendo alimentados com açúcar e água, a nação de repente percebeu quem eram seus governantes, e que não havia uma disponibilidade generalizada de mudanças econômicas e sociais radicais, combinada com a determinação absoluta para evitar a invasão [nazista]. No momento, acredito que a oportunidade existe para isolar a classe endinheirada e balançar a massa da nação por trás de uma política em que a resistência a Hitler e a destruição da classe com privilégios possam ser combinadas (ORWELL apud DAVISON, 1998, v. 13, p. 352).

A ideia de atrelar a vitória contra o fascismo a uma revolução socialista, a qual Orwell faz referência em sua primeira carta a *Partisan*, não é isolada em sua obra. Ao contrário, ela tomaria vulto, ao longo do ano de 1941, principalmente no ensaio *The Lion and the Unicorn*. Estava claro para Orwell, que a guerra mergulhava o país em um momento revolucionário e que a mobilização nacional antifascista poderia, ao mesmo tempo, isolar as elites e dar força política às classes trabalhadoras e médias britânicas.

Considerado seu principal manifesto político, *The Lion and the Unicorn*, cuja primeira parte, *England your England*, seria publicada pela primeira vez em Londres, na revista *Horizon*, em dezembro de 1940, e mais tarde publicado em texto integral também em Londres, em 1941. Os debates internos da política britânica, o papel da *intelligentsia* de esquerda e seu alinhamento com o stalinismo, as possibilidades de implementação de um tipo de socialismo democrático (em contraposição ao “socialismo ortodoxo” irradiado da URSS stalinista), como forma de superação dos fascismos e da democracia liberal. Todos serão temas centrais nas discussões daquele texto.

Na Parte III do ensaio, intitulada *The English Revolution*, Orwell traça as linhas do que ele entendia ser uma revolução em curso na Inglaterra. Orwell abre a última parte do ensaio, argumentando, na página 64, que um processo de transição – que ele definiu como uma “revolução” – já estava em curso na Inglaterra e que fora apenas acelerado com o rompimento da Segunda Guerra Mundial. Ainda na página 64, Orwell aponta a guerra – e a necessária vitória sobre Hitler – mais uma vez, como catalizadora das transformações sociais e econômicas necessárias. Porém, ele acrescenta que ela é também a força motriz do definitivo rompimento com o passado e a tradição liberal vitoriana da Inglaterra – numa guerra, também, entre o “passado” e o “futuro”. Para Orwell, como aparece na sequência (ORWELL, 1982, p. 65), as bases constitutivas desse processo em marcha, devem ser assumidas, porém, por um movimento social popular, ao mesmo tempo que se deve reconhecer as “falhas” do

“socialismo inglês”. O que fica claro, ao menos na leitura que propomos aqui, é o caráter de rompimento com as correntes políticas de esquerda hegemônicas na Inglaterra – comunistas e trabalhistas – sem, porém, abandonar a ideia da possibilidade de uma “revolução socialista”.

Orwell, da mesma forma que Macdonald fez, seria duro em suas críticas a Burnham e a sua ideia da *managerial revolution*.¹² Em dois textos da segunda metade da década de 1940, Orwell seria enfático em classificar a projeção de Burnham de uma sociedade controlada por técnicos, como um plano autoritário. O primeiro, intitulado *James Burnham and the Managerial Revolution*, publicado na Inglaterra pela revista *Polemic* em maio de 1946 e pelo *Socialist Book Center*, no verão de 1946 (e mais tarde nos EUA, pela revista *University Observer*, Chicago, no verão de 1947), refere-se à análise do livro do autor, de mesmo nome, publicado em 1940. O segundo, intitulado *Burnham's view of the Contemporary world struggle*, publicado nos EUA pela revista *New Leader* (NY), em 29 de março de 1947, refere-se à análise do livro *The Struggle of the World*, publicado nos EUA.

Como vimos antes, até 1939, quase nenhum dos intelectuais ligados a *Partisan* defendia a entrada dos EUA na Guerra Mundial. No final de 1941, contudo, essa coesão contrária à guerra já havia se fragmentado drasticamente e o debate que melhor simbolizou esse rompimento dentro da *Partisan Review* se deu entre Philip Rahv e Dwight Macdonald.

A invasão da Wehrmacht ao território russo, em junho de 1941, e a quebra do pacto Nazi-Soviético, trouxeram outra reviravolta para as posições soviéticas na guerra mundial, forçando Stalin a se alinhar com Churchill. Para Macdonald, no entanto, nada havia mudado e ele expressou isso, junto com Clement Greenberg, em um artigo intitulado *10 Propositions on the War*, *Partisan Review* 8, julho-agosto de 1941, p. 271-278. Nesse artigo, a linha radical de Macdonald estava estritamente expressa: 1) a única solução efetiva para a guerra seria desviar o caminho da história do fascismo para o socialismo; 2) o isolacionismo seria uma idiotia provinciana; 3) o suporte aos governos existentes resultaria ou na derrota militar (porque o fascismo era mais eficiente) ou na construção de um fascismo à “moda-da-casa”; 4) uma revolução social poderia ser, provavelmente, um caminho mais fácil e pacífico; 5) a falta de uma liderança para conduzir uma política revolucionária não seria

¹² As críticas a Burnham seriam motivo de comentário numa carta que Orwell envia para Dwight Macdonald, em 20 de Julho de 1946. Nessa carta, Orwell comenta a publicação do ensaio *James Burnham and the Managerial Revolution*. Em carta-reposta, enviada em 10 de setembro de 1946, Macdonald, no entanto, afirma que o texto de Burnham não havia sido levado tão a sério nos EUA como havia sido na Inglaterra e que o novo texto de Orwell não teria tanto impacto quanto à resenha de Macdonald do livro de Burnham já publicada na *Partisan Review*, em 1942.



o problema central; 6) e qualquer apoio a Churchill e Roosevelt deveria ser retirado (COONEY, 1986, p. 186).

Após o que parece ter sido um hiato reflexivo, Rahv responde duramente ao artigo de Macdonald e Greenberg. Seu texto, intitulado *10 Preposition on the War and 8 errors*, publicado dois números depois do texto com o qual ele debatia, não apenas criticou aquilo que Rahv chamou de uma posição “absolutista” de ambos na tentativa de colocar a *Partisan Review* em uma posição isolacionista, mas de insistir no mesmo tipo de análise “ortodoxa” que a *Partisan* havia se colocado contra. Dessa posição é que resultava a visão “apocalíptica” de Macdonald e Greenberg sobre o desenrolar da guerra e seus efeitos nos EUA. O mais interessante na resposta de Rahv era o uso das palavras, “absolutismo”, “ortodoxia” e “apocalíptica” em seu contra-argumento, por meio do qual Rahv não apenas criticava a linha reflexiva dos autores, mas todo um padrão de pensamento que a *Partisan Review* assumira combater desde sua fundação (COONEY, 1986, p.187).

Ao contrário do que propunham Macdonald e Greenberg, Rahv acreditava que apenas a destruição do fascismo é que poderia revitalizar qualquer tipo de política radical e que era fundamental, para derrotar Hitler, estabelecer uma aliança entre o “imperialismo Anglo-americano e o Exército vermelho”. Para Rahv, era apenas a subestimação das forças militares de Hitler, que permitia a seus interlocutores superestimar as forças de uma revolução socialista, colocando sua crença numa revolução em um futuro próximo, como romantismo puro. Por fim, Rahv insistiu que não se colocava contra a revolução socialista em si, mas elencava que era sob a derrota do fascismo que ela poderia ganhar força, dando chance para o movimento operário se reagrupar.

Como vimos acima, essa visão apresentada por Rahv, se parece muito com as preposições de Orwell no caminhar da guerra mundial. Mesmo sob intenso bombardeio da Luftwaffe sobre Londres, entre 1940 e 1941, Orwell ainda defendeu, no *The Lion and The Unicorn* (1941), a necessidade da revolução socialista guiar a derrota do fascismo dentro e fora da Grã-Bretanha. No entanto, Orwell acreditava, como Rahv, que a guerra direta era a única resposta possível contra o avanço fascista e o perigo que ele representava. Com isso, e aí mais uma vez o pensamento de Orwell aparece como uma espécie de ponte entre as argumentações de Rahv e Macdonald, a revolução socialista (como defendia Macdonald) deveria conduzir a derrota militar (como defendia Rahv) do fascismo.

Coube então uma tréplica de Macdonald e Greenberg, publicada sob o título, *Reply by Greenberg and Macdonald, Partisan Review* 8, novembro-dezembro de 1941, p.506-508. Nesse texto, ambos argumentaram que Rahv havia sido demasiado vago na apresentação de suas ideias. Se aquela,



efetivamente, ainda não era a guerra dos EUA, então sobre o que Rahv falava? No entanto, Rahv não havia sido indagado sobre a guerra em si, e por isso não a havia analisado efetivamente. Macdonald criticara Rahv também por seu suposto “nacionalismo” – quando Rahv defendera a superioridade do exército estadunidense frente ao exército nazista – como incapacidade em reelaborar uma linguagem radical o suficiente para suportar um apoio crítico da guerra. (COONEY, 1986, p.188) Para encerrar o debate, em 1942, aparece uma espécie de declaração oficial dos editores-fundadores da *Partisan*, William Phillips e Philip Rahv, sobre os debates com Macdonald e Greenberg. O título do editorial foi, *A Statement by the Editors, Partisan Review* 9, janeiro-fevereiro de 1942, p. 2.

Mais uma vez, Orwell estava inserido nesses debates com suas cartas para a *Partisan Review*. Em especial, em 1942, em torno da controvérsia criada pelas críticas de Orwell aos pacifistas, em um momento em que Orwell acreditava que o pacifismo era perigosamente pró-Eixo. Na edição da *London Letter*, de 1 de janeiro de 1942. p. 107-114, publicada na *Partisan Review* de Março-Abril de 1942, Orwell associa o discurso anti-guerra pacifista às linhas incertas daquilo que ele classificava como “derrotismo” que, no final das contas, beneficiava o fascismo e Hitler.

[...] não são muitos os pacifistas ingleses que têm a coragem intelectual para refletir até as raízes do pensamento, e uma vez que não há uma resposta real para a acusação de que o pacifismo é objetivamente pró-fascista quase toda a literatura pacifista é forense [aqui Orwell usa a palavra “forensic” para uma expressão popular que não tem tradução direta para o português] - ou seja, especializada em evitar perguntas embaraçosas. Para dar um exemplo, durante o período anterior à guerra, o periódico mensal *Adelphi*, editado por Middleton Murry, aceitou pelo seu valor nominal a alegação alemã de ser um Estado “socialista” lutando contra a “plutocrática” Grã-Bretanha, e mais ou menos equiparando a Alemanha com a Rússia. A Invasão da Rússia por Hitler ridicularizou essa linha de pensamento e nos cinco ou seis números subsequentes da *Adelphi*, há um medo surpreendente de não mencionar a guerra russo-alemã (ORWELL apud DAVISON, 1998, v.13, p.111).

Na sequência, Orwell faz uma relação mais direta (e perigosa) entre o discurso pacifista desses periódicos e o fascismo.

[...] Eu tenho diante de mim uma cópia do panfleto anti-guerra *Now* que contém contribuições de, entre outros, o Duque de Bedford, Alexander Comfort, Julian Symons e Hugh Ross Williamson. Alexander Comfort é um pacifista “puro”. O Duque de Bedford tem sido durante anos um dos principais apoiadores do Douglas Credit Movement, e também é um devoto anglicano, um pacifista ou quase pacifista, e um proprietário de terras de grande escala. Nos primeiros meses da guerra (o então Marquês de Tavistock) foi para Dublin por



sua própria iniciativa e obteve ou tentou obter um projeto de termos de paz com a Embaixada alemã. Recentemente, ele publicou panfletos afirmando sobre a impossibilidade de vencer a guerra e sobre como Hitler tinha uma fé incompreendida que nunca havia sido realmente testada. Julian Symons escreve em um estilo vagamente fascista, mas também é dado a citar Lênin. Hugh Ross Williamson esteve dentro do movimento fascista por algum tempo. [...] Pouco antes da guerra, ele e outros formaram um partido fascista novo autodenominado Partido Popular, do qual o Duque de Bedford era membro. O Partido Popular, aparentemente, não deu em nada, e no primeiro período da guerra, Williamson devotou-se à tentativa de fazer uma reunião entre os comunistas e os seguidores de [Oswald] Mosley. Você vê aqui um exemplo do que quero dizer com a sobreposição entre o fascismo e o pacifismo. (ORWELL, apud DAVISON, 1998, v.13, p.111).

As opiniões de Orwell apresentadas na *London Letter* de março-abril de 1942, rapidamente repercutiram na Inglaterra, principalmente entre alguns dos nomes citados por ele em torno da questão do pacifismo. A “resposta” foi publicada em formato de “controvérsia” nas páginas da *Partisan*, no número de setembro-outubro de 1942, e contou com um debate entre D.S. Savage, Alex Comfort, George Woodcock e Orwell, publicado sob o título de *Pacifism and the War: A Controversy By D.S. Savage, George Woodcock, Alex Comfort, George Orwell*. p. 392-400. (publicada na *Partisan Review* de setembro-outubro de 1942. A contribuição de Orwell para esta “controvérsia” é datada de 12 de julho de 1942).

O primeiro a responder foi Derek Stanley Savage, em 11 de maio de 1942. Poeta e crítico, Savage contribuiu com várias revistas britânicas: *Now*, *Focus*, *Horizon* e *Politics* (nos EUA). Trabalhou para o *Transport and General Workers Union* e para a *Anglican Pacifist Fellowship* e, na década de 1980, contribuiu com um capítulo pouco amigável sobre Orwell para a *The New Pelican Guide to English Literature* (1983)¹³. Woodcock, teórico anarquista canadense, radicado na Inglaterra, fora menos “conceitual” que Savage, em sua resposta à controvérsia levantada por Orwell. Sua intenção, a primeiro momento, era defender a revista *Now*, da qual era editor, e seus colaboradores das “acusações” de Orwell. Woodcock justifica que a revista, criada durante a guerra como um fórum de debates literários e de controvérsias acerca dos temas do período, reunia uma gama ampla de colaboradores, entre eles pacifistas, anarquistas, stalinistas, trotskystas, moderados etc. Entre esses muitos, dois de seus principais colaboradores, lembra Woodcock, eram Julian Huxley e Herbert Head, que, nem de longe, “podiam ser classificados como fascistas”, conclui (DAVISON, 1998, p.394).

Comfort começa sua resposta a Orwell de maneira muito mais elogiosa do que se suporia, mesmo que admitisse que a fama de Orwell

¹³ Informações fornecidas por Peter Davinson, 1998, v.13, nota 1, p.399.



estivesse, a seu ver, suplantando sua capacidade analítica nesse caso. Na sequência de sua resposta, Comfort parece seguir a mesma linha de Savage, contra argumentando que a linha analítica de Orwell parecia ignorar o fato do fascismo (muito mais como um modelo supra-autoritário de governo) se desdobrar em outras formas políticas que não o modelo italiano e alemão. A associação do discurso pacifista (da maneira como Orwell o interpreta), com isso, encobriria a própria ingenuidade de Orwell, já que, ao contrário, parecia defender o modelo da “democracia britânica” em oposição à “ditadura alemã”.

Conclusão

A participação de Orwell, por meio de seus textos para a *Partisan Review*, desempenhou uma dupla importância para sua carreira (MARKS, 1995, p. 280). A primeira delas, foi a de reintroduzir Orwell nos meios intelectuais de Nova York – e conseqüentemente, no cenário público dos EUA, do qual Orwell se mantinha afastado desde 1936 e a publicação de seu romance *A Clergyman's Daughter*, seu último trabalho publicado lá. Essa reinserção permitiu-lhe grande ampliação de seus contatos, principalmente com o grupo da esquerda anti-stalinista que se formara nos últimos anos em torno da *Partisan Review* (RODDEN, 2006). A segunda consequência, foram os próprios debates aos quais Orwell se inseriu, graças a esses, novos contatos estabelecidos do outro lado do Atlântico, principalmente com outros intelectuais cujas visões sobre o socialismo eram muito próximas a suas.

Como vimos, o ideal da revolução socialista estava presente, tanto na reelaboração do discurso político da *Partisan Review*, quanto nos textos de Orwell. Esse é o teor de crítica à *intelligentsia* de esquerda britânica, presente na primeira das *London Letters*, publicada por Orwell na *Partisan Review*, em março-abril, de 1941, como vimos acima. O ponto central daquele texto tratava da manutenção da ideia da luta contra Hitler e o fascismo representar o caminho para a promoção da revolução socialista na Inglaterra, argumentação semelhante àquela apresentada em seu primeiro grande trabalho da década de 1940, o *The Lion and The Unicorn*, publicado um mês antes.

Em outra edição de sua *London Letter to Partisan Review*, agora em julho-agosto de 1943, tendo como tema central a dissolução do Comintern, Orwell começou a esboçar uma crítica que assumiria uma forma consistente em seus textos ao longo da década de 1940: a imagem da URSS e do stalinismo (e sua representação “mística da Revolução”[de Outubro]) como “mitos” diante da *intelligentsia* de esquerda britânica, esfacelado gradualmente entre muitos intelectuais comunistas (ORWELL apud DAVISON, 1998, v. 14, p. 286).



A ideia de “mito” reafirmada anos mais tarde, na edição da *London Letter*, de 05 de junho de 1945, quando Orwell refletiu sobre a permanência de um sentimento pró-URSS entre os intelectuais da esquerda britânica, inclusive a manutenção de uma imprensa extremamente favorável ao stalinismo – ignorando os crimes já revelados do regime, como os expurgos, a perseguição política a sua dissidência etc.. Ele escreveu, por exemplo, sobre isso:

[...] Eu sempre entendi que a manutenção desse sentimento pró-rússia na Inglaterra durante os últimos dez anos foi devido muito mais à necessidade de um paraíso externo do que qualquer interesse real no regime soviético, e que não pode ser combatido por um apelo aos fatos, mesmo quando estes são conhecidos (ORWELL apud ANGUS e ORWELL, 1968, v. 3, p. 382).

Na crítica apresentada em seus artigos para a *Partisan Review*, desde meados da década de 1940, Orwell define o regime stalinista como um “mito”, que se apropria da memória coletiva do movimento socialista internacional sobre a Revolução Russa de 1917, tomando-a como evento fundador do stalinismo – e, dessa forma, Stálin, como continuador histórico de Lênin. Afirma, também, a condição inevitável da necessidade de “destruição” do “mito” soviético, para que o movimento socialista reassumisse suas bases democráticas na luta pela igualdade e justiça social. Esse duplo movimento ficaria explícito na crítica de Orwell, por exemplo, na introdução para a tradução ucraniana do *Animal Farm*, publicada em novembro de 1947, e distribuída em Munique, na Alemanha, pela *Ukranian Displaced Persons Organisation*. Lá, Orwell seria taxativo ao afirmar:

[...] Eu entendo, mais claramente do que nunca, a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental. (...) E até agora desde os últimos dez anos eu fui convencido de que a destruição do mito soviético era essencial se quiséssemos reviver o movimento socialista (ORWELL apud ANGUS e ORWELL 1968, v. 3, p. 404-405).

Ideal que parecia confluir com os ensejos da esquerda anti-stalinista situada em torno da *Partisan Review*, em Nova York, em meios aos novos projetos políticos traçados como alternativas às narrativas políticas em disputa durante os anos da Segunda Guerra Mundial.

Referências

AARON, Daniel. *Writers on The Left. Episodes in American literary communism*. New York: Columbia University Press, 1992.

BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons*. New York: Oxford University Press, 1986.



- BUHLE, Paul. *Marxism in the United States*. London: Verso, 1980.
- BUHLE, Mary; GEORGAKAS, Dan. *Encyclopedia of American Left*. Chicago: University of Illinois Press, 1992.
- COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals. Partisan Review and its circle, 1934-1945*. Wiscosin: The University of Winsconsin Press, 1986.
- COSTELLO, David R. 'My Kind of Guy': George Orwell and Dwight Macdonald, 1941-49. *Journal of Contemporary History*, Vol. 40, No. 1 (Jan., 2005), p. 79-94. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/30036310>. Data de acesso: 10/05/2009
- DENNIG, Michael. *The Cultural Front*. London: Verso, 1997.
- GILBERT, James. Literature and Revolution in the United States: The Partisan Review. *Journal of Contemporary History*. Vol. 2, No. 2, Literature and Society, p. 161-176. Apr. 1967. Disponível em: <http://links.jstor.org/i?sici=00220094%28196704%292%3A2%3C161%3ALARITU%3E2.0.CO%3B2-J>. Data de acesso: 09/06/2009.
- HAWKINS, Desmond. *When I was*. New York: Macmillian, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. Os intelectuais e o anti-fascismo. In: HOBSBAWM, Eric (org). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra. 1989. Volume 9. p.257-314.
- MANNHEIM, Karl. "O problema da "intelligentsia": um estudo de seu papel no passado e no presente." *Sociologia da cultura. São Paulo: Perspectiva*, 2001.
- MARKS, Peter. Where He Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell. *Twentieth Century, Literature*. Vol.41, No.4, p.266-283. Winter,1995. Disponível em:<http://links.jstor.org/sici?sici=0041462%28199524%2941%3A4%3C266%3AWHWPAT%3E2.0.CO%3B2-D>. Data de acesso: 02/03/2010.
- MEIHY, J. C. S. B. e BERTOLLI FILHO, C. *A guerra civil espanhola*. São Paulo: Ática, 1996.
- ORWELL, George. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. ORWELL, Sonia and ANGUS, Ian (Org). London: Secker and Warburg, 1968. 4 volumes.
- _____. *The Complete Works of George Orwell*. DAVISON, Peter (Org). London: Sacker and Warburg, vol.1-9, 1986; vol.10-20, 1998.
- _____. *The lion and the unicorn: socialism and the English genius*. Harmondsworth; New York: Penguin Books, 1982.
- _____. *Homage to Catalonia*. In *Orwell in Spain*. DAVISON, Peter (Org). London: Penguin Books, 2001. p.28-215.
- PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*. New York: Stein and Day, 1983.
- PONTES, Heloisa. Cidades e intelectuais: os "nova-iorquinos" da Partisan Review e os "paulistas" de Clima entre 1930 e 1950. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.18, no.53, p.33-52. Out 2003.
- RODDEN, John. *On the Political Sociology of Intellectuals: George Orwell and the London*



Left Intelligentsia of the 1930s. *Canadian Journal of Sociology / Cahiers canadiens de sociologie*, Vol. 15, No. 3. p. 251-273. Summer, 1990. Disponível em: <http://links.jstor.org/i?sici=03186431%28199022%2915%3A3%3C251%3AOTPSOI%3E2.0.CO%3B2-Z>. Data de acesso: 08/03/2009

_____. *George Orwell: The politics of Literary Reputation*. New York/London: Transaction Publisher, 2006.

ROVIDA, Giorgio. A revolução e a guerra na Espanha. In: Hobsbawm, E. (org). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, Volume 9, p.337-77.

SILVA, Matheus Cardoso da. *O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26112010-125409/>>. Data de acesso: 24/09/2014.

WALD, Alan M. *The New York Intellectuals: The rise and decline of the Anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1987.